REVISTA ELETRÔNICA
ACERVO ENFERMAGEM
ISSN 2674-7189



Fatores associados à amamentação e às necessidades educativas de gestantes e lactantes

Factors associated with breastfeeding and the educational needs of pregnant and lactating women

Factores asociados a la lactancia materna y las necesidades educativas de las mujeres embarazadas y lactantes

Alanis Vitória Ribeiro da Silva[1], Michelly Araújo[1], Quésia Costa Grapiúna, Pedro Henrique Resende Rodrigues[1], Victoria Vieira de Oliveira[1], Luciana Tomaz de Aquino[1], Natália de Alencar Bozon de Sousa [2], Tânia de Sousa Pinheiro Medeiros[3], Susanne Cristine Brito e Silva[3].

RESUMO

Objetivo: Identificar quais são as principais necessidades educativas de gestantes e lactantes em relação ao aleitamento materno. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada a partir de buscas nas bases LILACS, SciELO, PubMed e em bases institucionais do Ministério da Saúde. Foram incluídos artigos disponíveis na íntegra, publicados entre 2020 e 2025, nos idiomas português e inglês, que abordassem a temática proposta. A seleção dos estudos seguiu as recomendações do PRISMA Flow Diagram 2020, e a análise dos dados foi conduzida por meio da Análise de Conteúdo. **Resultados:** Foram incluídos 20 estudos, predominantemente nacionais. A análise dos artigos permitiu identificar fatores associados à não iniciação e ao desmame precoce do aleitamento materno, lacunas no conhecimento e na autoeficácia de gestantes e lactantes, bem como necessidades educativas relacionadas à amamentação. **Considerações finais:** As evidências indicam que o déficit de conhecimento e a ausência de orientações contínuas contribuem para dificuldades na prática do aleitamento materno. Destaca-se a importância de estratégias educativas que auxiliem gestantes e lactantes na aquisição de informações, fortalecimento da autoeficácia e manutenção do aleitamento materno.

Palavras-chave: Aleitamento materno, Desmame, Mulheres lactantes.

ABSTRACT

Objective: To identify the main educational needs of pregnant and lactating women regarding breastfeeding. **Methods:** This is an integrative literature review, conducted using searches in the LILACS, SciELO, PubMed databases and institutional databases of the Ministry of Health. Articles available in full, published between 2020 and 2025, in Portuguese and English, addressing the proposed theme were included. The selection of studies followed the recommendations of the PRISMA Flow Diagram 2020, and data analysis was conducted

[1] Universidade do Estado do Pará (UEPA), Rio Maria – PA.
[2] Afya Faculdade de Redenção – PA.
[3] Universidade Do Estado do Pará (UEPA), Tucuruí – PA.

SUBMETIDO EM: 4/2026 | **ACEITO EM: 5/2026** | **PUBLICADO EM: 6/2026**

using Content Analysis. **Results:** Twenty studies were included, predominantly national. The analysis of the articles allowed the identification of factors associated with non-initiation and early weaning of breastfeeding, gaps in knowledge and self-efficacy of pregnant and lactating women, as well as educational needs related to breastfeeding. **Final considerations:** The evidence indicates that knowledge deficits and the absence of continuous guidance contribute to difficulties in the practice of breastfeeding. The importance of educational strategies that assist pregnant and breastfeeding women in acquiring information, strengthening self-efficacy, and maintaining breastfeeding is highlighted.

Keywords: Breastfeeding, Weaning, Lactating women.

RESUMEN

Objetivo: Identificar las principales necesidades educativas de las mujeres embarazadas y lactantes en relación con la lactancia materna. **Métodos:** Se trata de una revisión bibliográfica integradora, realizada mediante búsquedas en las bases de datos LILACS, SciELO, PubMed y bases de datos institucionales del Ministerio de Salud. Se incluyeron artículos disponibles en su totalidad, publicados entre 2020 y 2025, en portugués e inglés, que abordaran el tema propuesto. La selección de estudios siguió las recomendaciones del Diagrama de Flujo PRISMA 2020, y el análisis de datos se realizó mediante Análisis de Contenido. **Resultados:** Se incluyeron veinte estudios, predominantemente nacionales. El análisis de los artículos permitió identificar factores asociados con la no iniciación y el destete precoz de la lactancia materna, lagunas en el conocimiento y la autoeficacia de las mujeres embarazadas y lactantes, así como necesidades educativas relacionadas con la lactancia materna. **Consideraciones finales:** La evidencia indica que los déficits de conocimiento y la ausencia de orientación continua contribuyen a las dificultades en la práctica de la lactancia materna. Se destaca la importancia de las estrategias educativas que ayudan a las mujeres embarazadas y lactantes a adquirir información, fortalecer la autoeficacia y mantener la lactancia materna.

Palabras clave: Lactancia materna, Destete, Mujeres lactantes.

INTRODUÇÃO

Reconhecido como uma prática fundamental para o desenvolvimento saudável, o aleitamento materno exerce papel central na promoção da saúde materno-infantil. Sua recomendação inclui a amamentação exclusiva nos primeiros seis meses de vida e complementada até os 24 meses ou mais da criança. Essa prática desempenha papel fundamental ao favorecer o crescimento e o desenvolvimento da criança, além de fortalecer o vínculo entre mãe e bebê, contribuir para a prevenção de doenças e reduzir os índices de morbimortalidade infantil. Mesmo diante dos benefícios amplamente reconhecidos, a adesão ao aleitamento materno exclusivo, tanto no que se refere ao início quanto à sua continuidade, ainda se encontra inferior às recomendações, sendo considerada um desafio para a saúde pública (GOES FGB, et al., 2023).

Nesse sentido o aleitamento materno oferece benefícios nutricionais, imunológicos, emocionais e econômicos amplamente reconhecidos. O leite materno contém todos os nutrientes necessários para o crescimento e desenvolvimento infantil, em quantidade e qualidade adequadas, além de anticorpos, enzimas e fatores bioativos que protegem a criança contra infecções respiratórias, gastrointestinais e outras doenças prevalentes na infância. Ademais, a amamentação contribui para o desenvolvimento cognitivo, emocional e psicossocial da criança, fortalecendo o vínculo afetivo entre mãe e filho (MÜLLER AG, et al., 2020).

Os benefícios do aleitamento materno também se estendem à saúde da mulher, estando associados à redução do risco de hemorragia pós-parto, câncer de mama e ovário, diabetes tipo 2 e doenças cardiovasculares. Do ponto de vista coletivo, o aleitamento materno representa uma estratégia de baixo custo e alto impacto para os sistemas de saúde, ao reduzir internações, uso de medicamentos e a mortalidade infantil. Dessa forma, a promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno configuram-se como ações

prioritárias em saúde pública, exigindo atenção contínua dos profissionais de saúde, especialmente no acompanhamento de gestantes e lactantes (MÜLLER AG, et al., 2020).

O nível de conhecimento e a percepção de autoeficácia de gestantes e lactantes exercem influência significativa sobre a decisão de iniciar e manter o aleitamento materno. A autoeficácia refere-se à confiança da mulher em sua capacidade de amamentar, mesmo diante das intercorrências frequentes no período pós-parto. Evidências indicam que mulheres com maior acesso à informação e segurança no manejo da amamentação apresentam maior duração do aleitamento e menor probabilidade de desmame precoce (MÜLLER AG, et al., 2020).

Entretanto, a não iniciação e o desmame precoce do aleitamento materno estão associados a fatores multifatoriais, como dor, pega inadequada, insegurança quanto à produção de leite, mitos e crenças culturais, além da insuficiência de apoio familiar e profissional e da escassez de orientações no pré-natal e no puerpério. A ausência de ações educativas efetivas fragiliza a autoeficácia materna e aumenta a vulnerabilidade das mulheres frente às dificuldades iniciais da amamentação, reforçando a necessidade de intervenções educativas qualificadas e contínuas (ALVES TRM, et al., 2023).

Assim, o presente estudo teve como objetivo identificar evidências científicas acerca dos fatores que influenciam o aleitamento materno, bem como das necessidades educativas apresentadas por gestantes e lactantes.

MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se como uma Revisão Integrativa de Literatura (RIL). Segundo Souza et.al (2010), a revisão integrativa constitui um método que permite a síntese do conhecimento científico produzido acerca de determinada temática, possibilitando a análise crítica e a integração de resultados provenientes de diferentes delineamentos metodológicos.

Tal abordagem contribui para a compreensão ampliada do fenômeno investigado, além de favorecer a identificação de lacunas, inconsistências e limitações nos estudos existentes, subsidiando o desenvolvimento de novas pesquisas e o fortalecimento da Prática Baseada em Evidências.

Conforme proposto por Dantas et al. (2022), a revisão integrativa é conduzida em seis etapas: identificação do tema e seleção da hipótese ou questão de pesquisa; amostragem ou busca na literatura; extração de dados ou categorização; análise crítica dos estudos incluídos; interpretação dos dados; e apresentação da revisão integrativa.

Fase 1 - Identificação do tema e seleção da hipótese ou questão de pesquisa

Para conduzir a pesquisa foi elaborada a questão norteadora baseada na estratégia PICo, acrônimo para P: Gestantes e Lactantes; I: Conteúdos de cartilhas educativas sobre aleitamento materno; C: Não aplicável ou outros materiais educativos O: Promoção, fortalecimento e manutenção do aleitamento materno.

Desse modo, para a revisão integrativa da literatura foi utilizada a seguinte questão norteadora: “A etapa de busca dos estudos foi orientada pela seguinte questão de pesquisa: Quais são as principais necessidades educativas de gestantes e lactantes em relação ao aleitamento materno, segundo evidências científicas?

Fase 2 - Amostragem ou busca na literatura

A identificação dos artigos foi realizada em bases de dados nacionais e internacionais, incluindo a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO), bases institucionais do Ministério da Saúde, e PubMed. Para a estratégia de busca, foram empregados descritores relacionados ao tema, a saber: aleitamento materno, desmame e mulheres lactantes, combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR, de forma a ampliar e refinar os resultados obtidos.

Foram incluídos na revisão estudos disponíveis na íntegra, que abordassem diretamente o tema investigado, publicados no período de 2020 a 2025, nos idiomas português e inglês. Como critérios de exclusão, descartaram-se publicações que não apresentassem relação com a temática proposta ou que contivessem informações divergentes dos objetivos da pesquisa, artigos duplicados nas bases consultadas, estudos de revisão de literatura, bem como aqueles publicados fora do recorte temporal estabelecido.

Fase 3 - Extração de dados ou categorização

A delimitação dos estudos e das informações extraídas foi realizada por meio da Análise de Conteúdo, método proposto por Bardin L (2011), o qual permite examinar de forma sistemática o material científico selecionado. Essa técnica fundamenta-se na organização e agrupamento dos artigos a partir de temas e elementos comuns, possibilitando a construção de categorias analíticas.

A organização e o processo de seleção dos estudos foram conduzidos de acordo com as diretrizes do PRISMA Flow Diagram 2020, assegurando transparência e sistematização em todas as etapas. As informações obtidas a partir dos artigos incluídos foram sistematizadas no **Quadro 1**, no qual foram registradas as principais características dos estudos, tais como ano de publicação, base de dados de origem, periódico científico, autoria, título do trabalho e tipo de delineamento metodológico.

Fase 4 - Análise Crítica dos Estudos incluídos

De acordo com a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), esta etapa corresponde à exploração do material, na qual os estudos selecionados foram examinados de forma minuciosa. Nessa fase, realizou-se uma análise aprofundada dos resultados apresentados nos artigos, buscando identificar semelhanças e diferenças entre os achados, bem como proceder à comparação e à avaliação crítica do conteúdo, possibilitando a delimitação das categorias a partir dos aspectos mais relevantes evidenciados na pesquisa.

Fase 5 - Interpretação dos dados

A etapa de interpretação dos dados equivale ao tratamento dos resultados, conforme descrito por Bardin (2011), e tem como finalidade atribuir significado aos conteúdos analisados por meio de uma reflexão crítica. Nesse momento, buscou-se compreender e sintetizar os conteúdos presentes na totalidade dos estudos incluídos, utilizando as informações coletadas pelos instrumentos de pesquisa para subsidiar a discussão das evidências encontradas, bem como para a identificação de lacunas do conhecimento e da relevância dos resultados obtidos.

Fase 6 - Apresentação da revisão Integrativa.

Por fim, as evidências identificadas foram reunidas, organizadas e sintetizadas conforme as categorias definidas neste estudo, bem como submetidas à análise crítica e reflexiva das pesquisadoras, a partir dos achados da pesquisa.

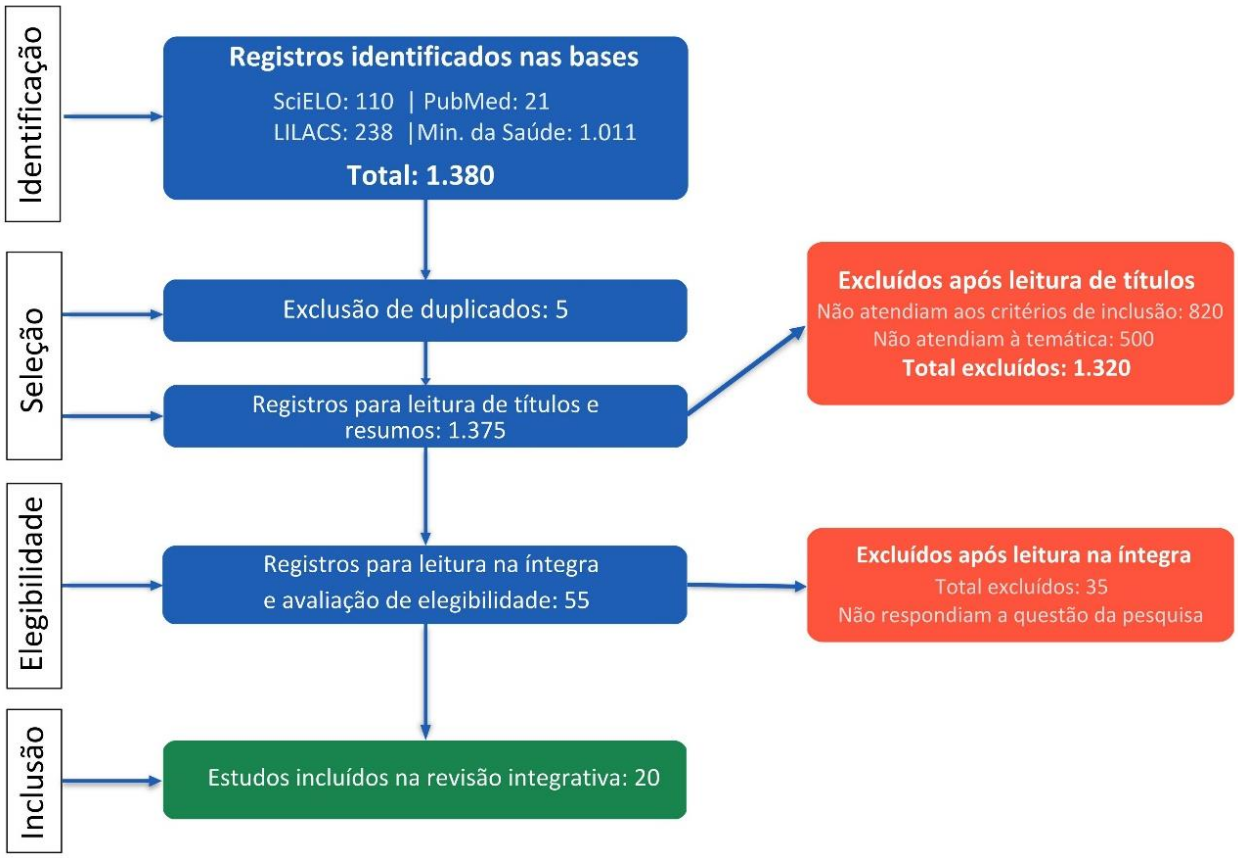
A busca nas bases de dados científicas foi realizada de acordo com os critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos, resultando na identificação de 1.380 registros, distribuídos entre as seguintes fontes: SciELO (110), PubMed (21), LILACS (238) e Ministério da Saúde (1.011).

Após essa etapa, 5 registros foram excluídos por duplicidade, permanecendo 1.375 estudos para a leitura dos títulos e resumos. Desses, 1.375 registros, 1320 foram excluídos por não atenderem os critérios de inclusão e por apresentarem temática incompatível com o objeto do estudo.

Na sequência, 55 artigos foram selecionados para leitura na íntegra e avaliação de elegibilidade. Após essa etapa, 35 estudos foram excluídos por não serem compatíveis com a proposta da pesquisa, resultando em uma amostra final composta por 20 artigos.

A **Figura 1** apresenta o fluxograma do processo de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão dos estudos, elaborado com base no PRISMA Flow Diagram 2020.

Figura 1 - Fluxograma de identificação e inclusão dos estudos sobre necessidades educativas relacionadas ao aleitamento materno em gestantes e lactantes.



Fonte: Silva AVR, et al., 2026.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos, foram selecionados 21 artigos que atenderam à questão norteadora e aos objetivos da pesquisa. Observou-se predominância de estudos nacionais, correspondendo a 17 publicações, enquanto 4 estudos eram de origem internacional.

Em relação ao ano de publicação, verificou-se maior concentração de estudos recentes, com 3 artigos publicados em 2020, 1 em 2021, 2 em 2022, 7 em 2023, 4 em 2024 e 3 em 2025, evidenciando o crescente interesse científico pela temática nos últimos anos. Quanto ao delineamento metodológico, os estudos apresentaram abordagens metodológicas diversificadas, contemplando diferentes tipos de delineamentos, o que contribuiu para uma compreensão ampliada do fenômeno investigado. As principais características de cada publicação, incluindo autoria, ano, delineamento e principais achados, estão descritas no **Quadro 1**.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quadro 1 - Distribuição dos estudos incluídos na revisão integrativa segundo autor, ano, delineamento metodológico e principais achados.

N°	Autores	Delineamento	Principais Achados
E1	Ozturk R, et al. (2022)	Estudo quase-experimental.	As intervenções educativas baseadas na teoria da autoeficácia durante o pré-natal contribuem para a melhora da confiança da mãe, sucesso na amamentação e favorecem a manutenção do AM. Dessa forma, os autores defendem que a atuação da enfermagem na educação é importante.
E2	Fernandes E, et al. (2020)	Ensaio Clínico Randomizado.	A intervenção educativa contribuiu para reduzir as dificuldades relacionadas à amamentação e aumentar o percentual de aleitamento materno exclusivo entre as puérperas, quando comparadas ao grupo controle. O uso de metodologias ativas e recursos educativos favoreceu maior domínio prático das mulheres, contribuindo para a adesão e manutenção do aleitamento materno exclusivo até 60 dias após o nascimento.
E3	Ruiz MT, et al. (2025)	Estudo transversal, aninhado a ensaio clínico.	Mulheres que receberam orientação sobre a amamentação no pré-natal tiveram uma prevalência de 2,9 vezes maior de amamentar na primeira hora de vida do RN. Os autores concluíram que há necessidade de fortalecimento das práticas de incentivo ao aleitamento, melhorar a capacitação das equipes e ampliar o apoio, especialmente em primíparas.
E4	Souza NA, et al. (2024)	Estudo de métodos mistos.	A intervenção relacionada ao AM era feita de forma pontual, sem utilização de tecnologias educacionais. Após o uso da tecnologia (aplicativo) houve um aumento de 28,9 da adesão das mães ao AM, reforçado com as pesquisas.
E5	Santos MV et al. (2022)	Descritiva exploratória qualitativa.	A utilização da cartilha foi útil no combate das barreiras da pandemia, pois ofertou orientações e informações atualizadas para a continuidade da amamentação no sistema prisional. A enfermagem participou da organização dessa tecnologia educativa, contribuindo com a promoção, proteção e apoio a amamentação segura.
E6	Alves TRM et al. (2023)	Estudo qualitativo.	O desmame precoce está relacionado a vários fatores, influenciado pela história de vida da mulher e os significados que foram construídos individualmente pela interação social e cultura de onde crescem. E há uma necessidade do engajamento do profissional de saúde para levar educação ao cuidado materno e infantil.
E7	Selçuk AK, et al. (2025)	Estudo quase-experimental.	O estudo mostrou que a experiência prévia ajuda muito no sucesso da amamentação e que inicia-la cedo melhora os resultados, sendo assim, mães mais experientes que amamentaram anteriormente tem maior confiança, e principalmente, a educação em amamentação realmente funciona para aumentar a confiança e o sucesso das mães no AM.
E8	Müller AG, et al. (2020)	Estudo de Coorte prospectivo.	O estudo destacou a importância do acompanhamento e das orientações dos profissionais da saúde, principalmente enfermagem para que haja fortalecimento do aleitamento materno exclusivo, pois há uma necessidade de melhorar a assistência ao pré-natal, com maior apoio, incentivo e educação em saúde voltados a amamentação.
E9	Brandt GP, et al. (2023)	Estudo com abordagem quantitativa.	O apoio à amamentação por profissionais de saúde e familiares aumentou em cerca de quatro vezes a chance de manutenção do aleitamento exclusivo. As fissuras mamilares foram o principal obstáculo para amamentar, enquanto a baixa produção de leite foi o principal motivo para o desmame. Os resultados reforçam a importância do apoio profissional, familiar e da maior permanência da mãe com o bebê.
E10	Faria ER, et al. (2023)	Estudo quantitativo.	O aleitamento materno favorece o vínculo inicial entre mãe e bebê, contribuindo para o desenvolvimento infantil e para a saúde materno-infantil. Destaca-se que o apoio educacional e a disseminação de conhecimentos sobre aleitamento materno são fundamentais para o sucesso do aleitamento, reforçando a relevância das cartilhas educativas como estratégia de educação em saúde.
E11	Martins MD, et al. (2020)	Relato de experiência.	A insuficiência de orientações profissionais associada às crenças culturais e à fragilidade do suporte familiar, contribui significativamente para as dificuldades no aleitamento materno e para o desmame precoce, reforçado a necessidade de ações educativas e apoio contínuo as gestantes e lactantes

N°	Autores	Delineamento	Principais Achados
E12	Ficagna CR, et al. (2025)	Estudo longitudinal.	A pesquisa identificou que a amamentação na primeira hora de vida esteve associada à manutenção do aleitamento materno exclusivo até os dois meses. Além disso, crianças que não foram amamentadas na primeira hora apresentaram maior probabilidade de receber sal, açúcar e mel durante a alimentação complementar.
E13	Szymanski JHL, et al (2024)	Estudo transversal e quantitativo.	Os resultados indicaram que a prevalência da amamentação iniciada na primeira hora de vida foi de 66%, abaixo do recomendado. O início precoce esteve associado principalmente à realização de cesariana, uso de anestesia durante o parto e Apgar ≤ 8 no 1º e 5º minutos. Entre os principais obstáculos estavam desconforto respiratório e hipotonia do recém-nascido, além de condições maternas desfavoráveis, reforçando a necessidade de melhorar o apoio à amamentação no ambiente hospitalar.
E14	Dorigatti A, et al. (2024)	Estudo transversal.	Os resultados apontaram que crianças com maior peso ao nascer apresentaram maior IMC aos seis anos de idade. O tempo total de amamentação não apresentou associação significativa com o IMC. Embora a amamentação exclusiva tenha apresentado correlação negativa inicialmente, após a análise multivariada, somente o peso ao nascer manteve associação significativa e independente com o IMC aos seis anos.
E15	Lopp PH, et al. (2023)	Estudo transversal, descritivo, de abordagem quantitativa.	Os achados apontaram que os enfermeiros atuam principalmente por meio de orientações sobre amamentação e prevenção de complicações, sendo frequentes casos de fissuras mamilares, dificuldade na pega e ingurgitamento mamário. Entretanto, foram identificadas fragilidades na implementação institucional das ações, especialmente em atividades em grupo e na participação da família e da rede de apoio.
E16	Góes FGB, et al. (2023)	Estudo transversal.	Os resultados evidenciaram que as gestantes apresentavam forte intenção de amamentar, porém essa intenção diminuía progressivamente aos 1, 3 e 6 meses. As mulheres que não receberam orientação sobre aleitamento materno exclusivo durante o pré-natal apresentaram menor intenção de amamentar. Os achados reforçam a importância de ações educativas contínuas durante o pré-natal e após o parto para prevenir o desmame precoce.
E17	Siqueira LS, et al. (2023)	Estudo transversal de abordagem quantitativa.	A maior autoeficácia esteve associada a amamentar na primeira hora de vida, receber orientações sobre amamentação na Atenção Primária à Saúde e oferecer exclusivamente leite materno ao recém-nascido na maternidade. Os achados reforçam a importância da orientação e do apoio dos profissionais de saúde para fortalecer a confiança das mulheres e favorecer a manutenção do aleitamento materno.
E18	Lutterbach, FGC, et al. (2023)	Estudo qualitativo.	O estudo mostrou que a participação das mulheres na elaboração do material educativo sobre amamentação fortaleceu o protagonismo feminino, permitindo representar experiências reais, dificuldades e vivências relacionadas ao aleitamento materno. O material também reforçou a amamentação como um direito humano e como estratégia de promoção da saúde e segurança alimentar e nutricional.
E19	Leite CCP, et al. (2024)	Estudo de coorte prospectivo.	Entre os principais resultados, observou-se que cerca de um terço dos bebês interrompeu o aleitamento materno exclusivo até os 30 dias de vida, sendo a dor ou lesão mamilar uma das principais causas relatadas. Os principais fatores de risco foram baixa renda, falta de orientação no pré-natal, inexperiência com amamentação, desmame anterior precoce, baixa autoeficácia e dor moderada ou intensa.
E20	Andrade LD, et al. (2021)	Estudo de corte transversal analítico com abordagem quantitativa.	O estudo encontrou prevalência de 68,4% de aleitamento materno (AM) e apenas 33,8% de aleitamento materno exclusivo (AME). A prática do AM esteve associada a mais consultas de pré-natal, início da amamentação na primeira hora de vida, início no hospital, gestação ≥37 semanas, mãe ter sido amamentada na infância, criança com até 6 meses e ausência do uso de chupeta. Os resultados reforçam a necessidade de políticas públicas e ações de saúde para aumentar a adesão ao aleitamento materno exclusivo.

Fonte: Silva AVR, et al., 2026.

Após a leitura e análise do conteúdo dos estudos que compuseram a amostra, os resultados foram organizados em categorias temáticas, com o intuito de facilitar a compreensão do fenômeno investigado e a síntese das evidências científicas. A partir da análise crítica dos achados, emergiram as seguintes categorias: 1) fatores associados à não iniciação e ao desmame precoce do aleitamento materno; 2) conhecimentos e autoeficácia de gestantes e lactantes acerca do aleitamento materno; e 3) necessidades educativas relacionadas ao aleitamento materno e o uso de cartilhas educativas como estratégia de educação em saúde.

Categoria 1 - Fatores associados à não iniciação e ao desmame precoce do aleitamento materno

Apesar da ampla disseminação das evidências científicas acerca dos benefícios do aleitamento materno, o desmame precoce ainda se configura como uma realidade em âmbito mundial e representa um relevante problema de saúde pública. Sob a perspectiva epidemiológica, estima-se que apenas 41% das crianças menores de seis meses sejam amamentadas exclusivamente, percentual inferior às metas estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que preveem alcançar 50% até o ano de 2025 e 70% até 2030 (GLOBAL BREASTFEEDING SCORECARD, 2018).

A ausência ou insuficiência de apoio familiar, social e profissional é um elemento central nesse processo, especialmente em contextos de maternidade solo e sobrecarga de responsabilidades. A falta de orientações claras e consistentes por parte dos profissionais de saúde, tanto no pré-natal quanto no puerpério, associada a informações contraditórias sobre a introdução precoce de fórmulas e alimentos, intensificou as dificuldades vivenciadas pelas mães, favorecendo decisões que culminaram no desmame precoce (ALVES TRM, et al., 2023).

No ambiente hospitalar, especialmente em unidades neonatais, a ausência ou fragilidade das orientações sobre o aleitamento materno também se apresenta como um fator relevante. Estudo realizado em unidade neonatal evidenciou que o preparo para a amamentação, quando existente, ocorria de forma pontual, sem padronização, concentrado apenas no momento da mamada, não contemplando todos os familiares nem utilizando estratégias educativas sistematizadas. Alguns participantes relataram não ter recebido qualquer orientação profissional acerca da amamentação durante a internação, o que resultou em insegurança, medo e receio de amamentar de forma independente após a alta hospitalar. Esses achados indicam que a falta de orientações claras, contínuas e acessíveis compromete a construção do conhecimento e a autonomia das famílias, podendo repercutir negativamente na manutenção do aleitamento materno, sobretudo entre recém-nascidos prematuros (SOUZA NA, et al., 2024).

Um estudo revelou que muitas mães acreditam que o leite materno é fraco ou insuficiente para alimentar o bebê, especialmente quando o choro é frequente após as mamadas. Essa percepção demonstra a persistência de um tabu socialmente construído, que associa o choro à fome não saciada e coloca em dúvida a eficácia do leite materno. Observa-se que essa crença é reforçada no ambiente familiar e transmitida de geração em geração, refletindo influências culturais que dificultam a desconstrução desse entendimento e podem interferir na manutenção do aleitamento materno (ALVES TRM, et al., 2023).

Observa-se uma semelhança entre os achados de Alves TRM, et al. (2023), Souza EFC, et al. (2024), Souza EFC, et al. (2020) e Martins MD, et al. (2024), ao evidenciarem que a insuficiência de orientações profissionais, associada a crenças culturais e à fragilidade do suporte familiar e institucional, constitui fator determinante para a insegurança materna e para o desmame precoce do aleitamento materno.

Categoria 2 - Conhecimentos e autoeficácia de gestantes e lactantes acerca do aleitamento materno.

Goés FGB, et al., (2023) evidenciaram que gestantes e lactantes apresentam conhecimento geral sobre a importância do aleitamento materno, principalmente em relação aos benefícios para o bebê e para a mãe, à recomendação de amamentação exclusiva até os seis meses de vida e à proteção contra doenças infecciosas.

Tais informações estão frequentemente associadas às orientações recebidas durante o pré-natal, como os benefícios do leite materno, o fortalecimento do vínculo mãe-bebê, a não introdução de água e chás, a prevenção de fissuras mamilares e a importância da pega correta.

Entretanto, apesar de possuírem essas informações, os conhecimentos nem sempre são aprofundados, especialmente no que se refere às técnicas adequadas de amamentação e ao manejo de complicações, o que impacta diretamente a autoconfiança e a autoeficácia materna. O preparo para amamentar mostrou-se insuficiente e desigual, visto que, embora algumas mulheres tenham recebido orientações, muitas relataram não se sentirem preparadas para amamentar de forma autônoma, segura e confiante. A falta de preparo esteve relacionada à ausência de educação prática, à pouca utilização de tecnologias educativas, à falta de demonstração e treino das técnicas e à limitada escuta das dúvidas e medos maternos. Estudos que utilizaram intervenções educativas estruturadas, como palestras, demonstrações práticas, aplicativos educativos e acompanhamento individualizado, evidenciaram redução significativa das dificuldades, aumento da autoeficácia e maior manutenção do aleitamento materno exclusivo (SOUZA NA, et al., 2024).

Os principais desafios mencionados pelas gestantes e lactantes estão relacionados aos aspectos técnicos e práticos da amamentação, como dificuldades na pega, sensibilidade ou dor mamilar, trauma mamilar, crenças acerca do “leite fraco” ou insuficiente, ingurgitamento mamário, choro excessivo do bebê e dúvidas sobre o congelamento do leite materno. Essas dificuldades estão associadas à insegurança materna, favorecendo a interrupção precoce do aleitamento materno (SOUZA EFC, et al., 2020).

A autoeficácia materna, definida como a confiança da mulher em sua capacidade de amamentar, é fundamental para o início, a continuidade e a duração do aleitamento materno. Mulheres que se sentem seguras e confiantes tendem a persistir na prática e manter o aleitamento exclusivo. Em contrapartida, aquelas com baixa autoeficácia podem apresentar medo, insegurança e sentimentos de culpa e sobrecarga, o que pode culminar na interrupção precoce da amamentação. Esses sentimentos são mais frequentes entre mulheres que retornam precocemente ao trabalho, enfrentam dificuldades técnicas e carecem de suporte social adequado (MÜLLER AG, et al., 2020).

Foi observado por Siqueira LS, et al. (2023) que orientações adequadas no pré-natal e no pós-parto, a amamentação na primeira hora de vida, experiência prévia em amamentação, maior idade materna e apoio familiar contribuem significativamente para o aumento da autoeficácia materna. Por outro lado, menores níveis de autoeficácia foram associados à ausência dessas orientações e ao suporte insuficiente durante o cuidado pré-natal e puerperal.

O apoio e a orientação dos profissionais de saúde são fundamentais para fortalecer a confiança e o conhecimento das mulheres sobre o aleitamento materno, com destaque para os enfermeiros como principais responsáveis pelas orientações, seguidos por outros profissionais de saúde. Contudo, os estudos evidenciam falhas na continuidade dessas orientações, especialmente após a alta hospitalar e na atenção básica, bem como a carência de apoio em atividades educativas coletivas (MARTINS MD, et al., 2024).

Embora exista conhecimento geral acerca do aleitamento materno, a ausência de preparo técnico aprofundado e de orientações sistematizadas impacta negativamente a autoeficácia materna, interferindo na manutenção do aleitamento exclusivo. (GOÉS FGB, et al., 2023; SOUZA NA, et al., 2024; MÜLLER AG, et al., 2020; e SIQUEIRA LS, et al., 2023).

Categoria 3 - Necessidades educativas relacionadas ao aleitamento materno e o uso de cartilhas educativas como estratégia de educação em saúde

O aleitamento materno contribui de forma significativa para o fortalecimento do vínculo entre mãe e bebê, exercendo influência positiva no crescimento, no desenvolvimento e na saúde da criança ao longo da vida. Trata-se de uma das intervenções isoladas mais eficazes na redução da mortalidade infantil em nível mundial, além de trazer benefícios importantes à saúde materna (FARIA ER, et al., 2023).

Apesar de sua importância amplamente reconhecida, muitas mulheres ainda enfrentam dificuldades no manejo adequado do aleitamento materno e sofrem influência de fatores externos que podem comprometer a manutenção dessa prática protetora, evidenciando a necessidade de ações educacionais permanentes e estratégias de promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno (SOUZA EFC, et al., 2020; SANTOS MV, et al., 2022).

Entre as principais necessidades educativas destacam-se a compreensão dos benefícios do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida, a técnica correta de pega e posicionamento do bebê, o manejo de intercorrências comuns, como ingurgitamento mamário, fissuras mamilares e mastite, além do enfrentamento da insegurança materna (LUTTERBACH FGC, 2023).

Estudo realizado com puérperas em uma maternidade evidenciou que mulheres que receberam intervenção educativa apresentaram menores dificuldades na amamentação e maior prevalência de aleitamento materno exclusivo, quando comparadas àquelas que receberam apenas orientações de rotina. Esses resultados indicam que ações educativas estruturadas contribuem para maior segurança e melhor manejo do aleitamento materno. Dessa forma, justifica-se a elaboração de tecnologias educativas, como cartilhas, como estratégia para reforçar informações, apoiar as puérperas após a alta hospitalar e favorecer a manutenção do aleitamento materno exclusivo (SIQUEIRA SL, et al., 2023).

As cartilhas educativas configuram-se como recursos complementares em consultas de pré-natal e grupos educativos, promovendo a padronização das informações e fortalecendo o vínculo entre profissionais de saúde e usuários. Quando elaboradas de forma culturalmente sensível e fundamentadas em evidências científicas, essas ferramentas contribuem para o empoderamento das mulheres, o fortalecimento da autoeficácia materna e o aumento das taxas de aleitamento materno exclusivo. (LUTTERBACH FGC, 2023 e SOUZA NA, et al., 2024).

Desse modo, os achados de Lutterbach FGC (2023) e Souza EFC, et al. (2020) reforçam a necessidade de estratégias educativas estruturadas, evidenciando que intervenções sistematizadas e tecnologias educativas contribuem para o fortalecimento da segurança materna e para a maior prevalência do aleitamento materno exclusivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As evidências analisadas demonstraram que a insuficiência de conhecimentos e a fragilidade das orientações profissionais estão diretamente associadas à insegurança materna, à baixa autoeficácia e ao desmame precoce do aleitamento materno. Observou-se que, embora exista reconhecimento acerca da importância da amamentação, persistem lacunas no preparo técnico e no suporte contínuo às gestantes e lactantes. Nesse contexto, destaca-se a necessidade de ações educativas estruturadas e do desenvolvimento de tecnologias educativas que fortaleçam o acesso à informação, contribuindo para a manutenção do aleitamento materno exclusivo. Além disso, ressalta-se a importância da atuação dos profissionais de saúde, especialmente da enfermagem na atenção primária, por meio de orientações contínuas durante o pré-natal, puerpério e acompanhamento infantil, favorecendo a confiança materna e a prevenção do desmame precoce.

REFERÊNCIAS

1. ALVES TRM, et al. Vivências de mães no desmame precoce: uma teoria fundamentada nos dados. Rev Gaúcha Enferm., 2023; 44: e20220290
2. ANDRADE, et al. Prevalência e fatores associados ao aleitamento materno em crianças menores de 2 anos de idade. Revista de Ciências Médicas e Biológicas, 2021; 20(4): 610–618.
3. BARDIN L. Análise de Conteúdo. 1.ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
4. BRANDT, et.al. Factors associated with exclusive breastfeeding in a maternity hospital reference in humanized birth. Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia, 2021; 43(2): 91–96.
5. COSTA, ML, et al. Perfil comunicativo de crianças com transtorno fonológico. CoDAS, São Paulo, 2023, 35(5): e20210163.
6. DANTAS, et.al. Como elaborar uma revisão integrativa: sistematização do método científico. SãoPaulo: Rev Recien. 2022; 12(37): 334-345
7. DORIGATTI À, et al. Correlação entre peso ao nascer, amamentação e índice de massa corporal aos seis anos de idade. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, 2024; 24: e20240085.
8. FARIA ER, et al. Fatores relacionados ao aleitamento materno exclusivo no contexto da Atenção Primária à Saúde, 2023; 35(5).

9. FICAGNA, et al. Amamentação na primeira hora: associações com duração da amamentação exclusiva e alimentação complementar. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, 2025; 25: e20230367.
10. WORLD HEALTH ORGANIZATION; UNITED NATIONS CHILDREN'S FUND. 2018. Global breastfeeding scorecard 2018: enabling women to breastfeed through better policies and programmes. Disponível em: https://cdn.who.int/media/docs/default-source/breastfeeding/global-breastfeeding-collective/global-bf-scorecard-2018.pdf. Acessado em: 15 de janeiro de 2026.
11. GOÉS FGB, et al. intenção materna de amamentar entre gestantes: estudo transversal. R Pesq Cuid Fundam., 2023; 15: e12425.
12. IOPP PH, et al. A atuação do enfermeiro na promoção, incentivo e manejo do aleitamento materno. Enfermagem em Foco, 2023; 14: e-202344.
13. LEITE CCP, et al. Fatores de risco para interrupção do aleitamento materno exclusivo no primeiro mês de vida. Journal of Nursing and Health, 2024; 14(1): e1425559.
14. LUTTERBACH FGC, et al. Amamentação como um direito humano: construção de material educativo pela voz das mulheres. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, 2023; 27: e220093.
15. MARQUES M, et al. Análise de conteúdo. Clube de Autores, 2021.
16. MULLER AG, et al. Autoeficácia e manutenção do aleitamento materno exclusivo nos primeiros meses pós-parto. Texto Contexto Enferm., 2020; 29: 20190125.
17. OZTURK R, et al. Effect of antenatal educational intervention on maternal breastfeeding self-efficacy and breastfeeding success: a quasi- experimental study. Rev Esc Enferm USP, 2022; 56: e20210428.
18. RUIZ MT, et al. Aleitamento na primeira hora de vida e via de parto entre primíparas. Acta Paul Enferm., 2025; 38: eAPE0001626.
19. SANTOS MV, et al. Breastfeeding booklet in prison institutions: initiative for promotion, protection and support. Rev Bras Enferm., 2022; 75(Suppl 2): e20210214.
20. SELÇUK AK, et al. The factors affecting breastfeeding self-efficacy, LATCH scores and effect of postnatal breastfeeding education on mothers' self-efficacy. Rev Esc Enferm USP, 2025; 59: e20240281.
21. SILVA SANTOS. A importância do aleitamento materno para a saúde infantil. Revista Brasileira de Enfermagem, 2022; 75(4): e20220456.
22. SIQUEIRA LS, et al. Factors associated with breastfeeding self-efficacy in the immediate puerperium a public maternity hospital. Cogitare Enferm., 2023; 10.1590/ce.v28i0.88970.
23. SOUSA JR e DOS SANTOS SCM. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. Pesquisa e Debate em Educação, 2020; 10(2): 1396-1416.
24. SOUZA EFC, et al. Effect of a breastfeeding educational intervention: a randomized controlled trial. Rev. Latino-Am. Enfermagem, 2020; 28: e3335.
25. SOUZA, et al. Avaliação da linguagem oral em crianças com transtorno do desenvolvimento da linguagem. CoDAS, 2024; 36(3): e20220234.
26. SZYMANSKI JHL, et al. Factors associated with early initiation of breastfeeding. ABCS Health Sci. 2024; 49: e024201.
27. WHITTEMORE R e KNAFL K. The integrative review: Updated methodology. Journal of Advanced Nursing, 2005; 52(5): 546–553.